

À Comissão de Coordenação-Geral da Igreja Cristã Maranata em Brasília-DF.

Sólon Lopes Pereira, CPF nº XXX.XXX.XXX-XX, RG nº XXX.SSS-SSP/DF, vem, por meio desta correspondência dar conhecimento de seu desligamento do ministério pastoral da Igreja Cristã Maranata e solicitar o encaminhamento da carta de desligamento que segue anexa, contendo as razões de sua decisão ao Presbitério Espírito Santense.

Atenciosamente,

SÓLON LOPES PEREIRA

Prezado Pr. G(...),

Venho, por meio desta carta apresentar meu desligamento voluntário do Ministério Pastoral da Igreja Cristã Maranata pelos motivos que passo a expor.

Sou convertido ao evangelho do Senhor Jesus desde março de 1988 por obra e graça do Espírito Santo, o qual me entregou aos cuidados pastorais do falecido Pastor J(...) que, na ocasião, pastoreava a igreja do Guará, Distrito Federal.

Fui levantado para exercer o diaconato, ainda na igreja do Guará-DF, no ano de 1992, naquele tempo sob o Ministério do Pastor H(...). Neste mesmo ano, mudei-me para Sobradinho-DF, local onde fui ungido para o Ministério da Palavra em 24 de março de 1999, já sob o Ministério do Pastor T(...).

No exercício do Ministério, fui designado para servir à igreja do Paranoá, ao tempo em que não passava de um trabalho com pouco mais de vinte pessoas. Amei esta igreja (e ainda amo) e a ela me dediquei, tendo sido abençoado com a ordenação ao Ministério da Palavra em 16 de janeiro de 2001, quando a igreja do Paranoá já contava com 110 (cento e dez) membros e agregava dois trabalhos, o primeiro no Condomínio Entre-Lagos e o segundo em Arinos-MG.

Por ocasião da minha ordenação, fui designado, em fevereiro de 2001, para pastorear a igreja do Lago Norte, bairro nobre da cidade, mas que não mereceu especial atenção do presbitério local, haja vista que o bairro tinha um trabalho de aproximadamente 30 (trinta pessoas), que passou a ser igreja quando fui ali colocado, como um pastor inexperiente. A igreja do Lago Norte estava instalada em um local inadequado, ficava em uma sobreloja com uma escadaria, sem lance de descanso, que impedia que minha família pudesse estar junto comigo, pois minha filha mais velha, deficiente locomotora, não tinha liberdade de acesso ao local destinado à igreja. Os idosos do local também reclamavam muito da escadaria. Por isso, procurei encontrar solução para a questão. Encontrei um salão térreo, vizinho à igreja, que, naquele tempo, estava sendo alugado por R\$ 1.300,00 (um mil e trezentos reais), preço de mercado, já que se tratava de um salão situado em um local nobre da cidade. Preparei, então, o processo e o submeti ao exame do presbitério local. Com moderada razão, o presbitério local achou um absurdo aquela pretensão de minha parte em apresentar um aluguel de valor tão elevado, não obstante naquele tempo a receita daquele pequeno grupo de pessoas ultrapassar mensalmente os R\$ 7.000,00 (sete mil reais) de dízimo, o que pode ser comprovado com uma simples verificação dos registros contábeis da tesouraria de Brasília. Por esse motivo, minha proposta sequer foi encaminhada ao Presbitério Espírito Santense. Fiquei triste com a situação, especialmente pelo tratamento que recebia sempre que procurava a comissão de imóveis, ouvindo o que não queria, nem precisava ouvir.

Quando percebi que não tinha nem meios nem recursos para lutar por esse ideal, procurei o Pastor O(...) e lhe expliquei que gostaria de deixar a igreja do Lago Norte e ser colocado em uma das igrejas de Sobradinho, local onde eu residia, pois as igrejas naquela cidade satélite proporcionariam a união de minha família, já que eu tinha uma filha deficiente de 10 anos de idade (Rebeca), uma com 6 anos de idade (Raquel) e uma terceira com 5 anos de idade (Rute), as quais eu não chegava a ver durante a semana, já que trabalhava o dia inteiro e à noite estávamos separados pela própria igreja.

O Pastor O(...) foi bastante compreensivo (o que lhe é próprio), mas por razão que não compreendi, em setembro de 2001, embora tendo deixado a igreja do Lago Norte em uma fase boa (com o dobro de membros), fui colocado em uma igreja de pouco mais de 40 membros e que já tinha um pastor - Pastor T(...), enquanto havia outras igrejas (na mesma região) sem pastor. É claro, fiquei triste de novo, pois essa disposição me pareceu uma represália, talvez pela minha “rebeldia”.

Suportando calado essa situação, questionado inclusive por minha mulher, após três meses fui designado, no final de novembro de 2001, para pastorear uma igreja na Quadra 9 de Sobradinho. Essa igreja contava com exatos 19 membros, contando com minha família (mulher, três filhas e empregada). Mesmo assim eu estava muito feliz e disposto a mudar aquele quadro de atrofia quantitativa e espiritual que pairava no lugar. A primeira providência foi solicitar a mudança de local, já que a igreja ficava no interior de um bloco comercial, tão escondida que ninguém, ainda que morasse em Sobradinho, conseguia encontrá-la. Desta vez, o Pastor T(...) assumiu a negociação com o Presbitério local e conseguiu a mudança da igreja para a Q. 7 de Sobradinho, em dezembro de 2001, local em que está até hoje. Neste novo endereço, em apenas um ano, a igreja quase quadruplicou o número de membros, passando de 19 para 70 membros.

Como era de se esperar, o local estava pequeno, deixando parte da igreja do lado de fora do salão nos cultos dos finais de semana. Por isso, passei a pleitear a aquisição de um terreno ou a compra de um imóvel no local. O pastor OL(...), dono do imóvel que a igreja estava alugando, chegou a oferecer a venda da sua parte do prédio para a construção de um local apropriado para a igreja. Com a aprovação dos pastores do pólo, providenciei um projeto arquitetônico para a reforma do prédio e o submeti ao Presbitério local. No início insisti no assunto, mas para não ouvir mais o que não queria, nem precisava, deixei que o processo seguisse seu curso natural, já que estava sob a responsabilidade da comissão de imóveis. Até onde fiquei sabendo, o projeto estava sendo examinado pelo Pastor C(...), mas não tive qualquer retorno acerca do assunto.

Nem precisei mais me preocupar com o assunto, pois, de modo inesperado, em novembro de 2002, fui removido da igreja da Q. 7 de Sobradinho para assumir a igreja do Setor de Mansões de Sobradinho (de mansões só tem o nome), local com um salão muito espaçoso, nos fundos de um terreno em lugar pessimamente localizado (coisa comum aqui em Brasília – depois não se sabe porque as igrejas não crescem). Pela primeira vez, não consegui contar o número de membros da igreja, pois a relação dos grupos de assistência não batiam com o que eu presenciava na igreja. Havia quase 60 membros na relação dos grupos de assistência, mas eu não sabia quem, de fato, era membro naquele lugar. Não consegui contar mais que 30 membros ali. Para completar, como as igrejas de Sobradinho estavam muito desarranjadas, a ordem dos pastores do pólo foi que os obreiros que estivessem servindo em igrejas diferentes da proximidade de suas residências fossem remanejados para as igrejas mais próximas de suas casas. Nessa movimentação, perdi os melhores obreiros que a igreja tinha - P(...) e OS(...) - restando alguns varões de segundo casamento, que não podiam ser usados no púlpito (orientação seguida nas igrejas de Brasília).

Ante esse quadro, resolvi desobedecer a orientação e comecei a usar irmãos, fiéis e zelosos, de segundo casamento, sob pena de ter que fazer tudo sozinho. Mesmo na “irregularidade” (aos olhos dos homens), o Senhor concedeu a sua graça e a igreja começou a se firmar, de modo que, ao final, os cultos dos finais de semana estavam sempre lotados

com, aproximadamente, 90 a 100 pessoas, situação que perdurou até que as inusitadas mudanças de ministério ocorridas em Brasília me atingissem, em fevereiro de 2004.

Somente para recordar, quando o Pastor P(...) assumiu a coordenação-geral de Brasília, o Pastor F(...) foi designado para assumir meu lugar na igreja do Setor de Mansões. Aquele foi um período turbulento. Viagens de pastores de Brasília ao P.E.S., relutâncias em aceitar as mudanças, resistência para aceitar novos ministérios etc. Quanto ao Pr. F(...), parecia-me que estava recebendo um castigo, já que estava na igreja do Lago Sul e era considerado pastor de 1ª categoria, e não pastor de subúrbio, como eu (2ª classe). Nessa história, fui alcançado pelo desgoverno local. O Pr. F(...) não assumiu a igreja do Setor de Mansões quando tinha que assumir (creio que estava relutante), o que me levou, acidentalmente, a cuidar de cinco igrejas ao mesmo tempo, deixando-me, também, em descontrole da situação, confesso, produzindo novas “irregularidades” (aos olhos dos homens), tais como, deixando de reunir regularmente grupo de intercessão etc.

Mas, tudo isso passou. Fiquei, a partir de fevereiro de 2004, cuidando de uma igreja que, na verdade, era apenas um trabalho de pouco mais de 20 pessoas, no Bairro do Grande Colorado. Como foi observado que não convinha que um Pastor ficasse cuidando apenas de um trabalho, esse trabalho virou igreja (apenas uma formalidade que não mudava a situação de fato). De outro lado, passei a ser chamado, com alguma frequência, pelos pastores do pólo, para orarem por mim, já que o Pr. F(...), descobria, enquanto pastoreava em Sobradinho, uma série de “irregularidades” (aos olhos dos homens) em meu ministério. Creio que isso acabou maculando minha imagem, que já não devia ser muito boa aos olhos de quem é extremamente rigoroso com regras que não salvam ninguém.

Atualmente, estou na igreja do Grande Colorado, já por um ano e dois meses (um *record* em meu ministério). Infelizmente, já estou desgastado. A igreja já não cabe mais no salão (estamos recebendo, aproximadamente 65 pessoas nos finais de semana), mas não tenho coragem de investir na busca de um novo local, pois sei o quanto fico chateado quando faço isso. Sei que a igreja não tem crescido mais por causa da falta de espaço físico e me sinto culpado por isso, já que não tenho buscado a solução para o problema. Até porque estou tomado por um cansaço físico que jamais experimentei, pois nesses últimos anos o zelo pela igreja me consumia juntamente com a construção de minha casa, tratamentos médicos da Rebeca e assistência familiar, além do trabalho cotidiano de oito horas diárias associados à faculdade de Direito que eu estou concluindo neste semestre.

Tenho um sonho recorrente que muito tem me incomodado. Constantemente sonho que estou correndo uma maratona, ou andando de bicicleta, ou remando, sem forças para prosseguir e usando toda a minha energia. Compreendo que a energia que está me faltando é a motivação e não força física, realmente, pois tenho razoável saúde.

Pr. G(...), há um fato determinante para o meu pedido de desligamento que, naturalmente, contribuiu para a minha desmotivação (acho que a igreja não percebe isso, pois procuro preservar o rebanho). O fato é que, por ocasião das tribulações sofridas recentemente em Brasília, vi um povo ser jubilado da igreja, uns por motivos muito pequenos no meu sentir (caso do Pr. F...), outros por terem perdido as esperanças de poderem ser úteis à Obra do Espírito Santo na Igreja Maranata (pessoas de segundo casamento, diáconos discriminados, condenados ao diaconato eterno etc.), outros por motivos que considero graves (má administração de dízimos – Pr. A..., segundo me falaram), acusação de fraude ao INSS (Ungido R..., segundo me contaram) etc. Em todos esses casos fiquei muito angustiado, mas o que me assustava era como essas pessoas eram tratadas ao se

afastarem da igreja. Assisti um verdadeiro festival de acusações e referências desonrosas a esses irmãos, de púlpito. O Senhor, talvez, por falta de assessoramento adequado, ordenou que uma carta fosse lida aos ouvidos do povo, na qual não se podia notar nenhuma misericórdia. Ao contrário, supondo defender a Obra do Espírito Santo (nobre sentimento) acabou por se enquadrar no (...). Também nós pastores fomos orientados a nos referirmos aos irmãos que deixavam a igreja, de púlpito, aconselhando a igreja a não admitirmos qualquer contato com essas pessoas, o que me foi traumatizando e me deixando atemorizado. Comecei a me sentir um refém da igreja e ameaçado em minha honra, caso discordasse de alguma dessas orientações. Ora, qual deveria ser a minha motivação? O genuíno amor por Deus, pela Obra do Espírito Santo, pelo meu grupo, etc., ou o medo de não atender aos padrões desejados e ser execrado de público. Passei a temer por mim e por minha família, especialmente porque percebi que muita importância estava sendo dada a “minhas atitudes dissonantes das orientações” (aos olhos dos homens), já referidas e identificadas pelo Pastor F(...).

Ora, mesmo que eu discorde de algumas orientações, que julgo que não são leis (estamos no período da graça), não quero ver minha honra, nem a de minha mulher e filhas maculada. Outros exemplos para mim foram: o Pastor G(...) e toda sua família foram removidos da igreja do Guará subitamente, sem que lhe permitissem uma passagem formal da igreja; o ungido S(...) me confidenciou que foi pego de surpresa ao ser transferido de igreja às vésperas da passagem do ano, enquanto toda sua família estava envolvida nos ensaios e preparativos para a festa da vigília – tenho certeza que todos sofreram muito em ter que passar a vigília em outro lugar onde não conheciam os irmãos. É possível que para tudo isso haja uma explicação razoável, mas a insegurança tomou conta de mim, pela forma que as pessoas são tratadas, como se não tivessem sentimentos. Se outros não têm sentimentos, este não é o meu caso. Sofro muito, e calado, diante de tudo isso. Creio que todo homem almeja por se sentir seguro e não ameaçado. Algumas vezes cheguei a tremer só de imaginar que poderia ser chamado a dar explicações a uma comissão de pastores que olhariam para mim como se fosse um criminoso, por isso preferi escrever e não passar por esse constrangimento.

Outra coisa, com a morte do Papa, comecei a lembrar que a igreja católica não admite que sejam questionados os seus dogmas (o papa não erra?), pois esses são fruto de reuniões de homens de Deus que receberam a orientação diretamente de Deus (concílios), não competindo, portanto, a ninguém questioná-los, sob pena de estarem se voltando contra Deus. Sabemos que isso não é verdade. Então, por que não podemos questionar uma orientação advinda do Presbitério? Será que é porque presumimos que tudo o que vem do Presbitério vem, inquestionavelmente de Deus e não há possibilidade de falhas? Se isso fosse verdade, Brasília não teria passado pelos horrores que passou. Isso me fez pensar que, se eu discordasse de uma orientação teria que passar pela santa inquisição, tal como ocorreu com o Pr. F(...).

A “queda” de nossos irmãos começou, então, a desvendar algo. Percebi, agora com clareza, que participo de uma elite espiritual (somos os donos da verdade - uma organização exclusiva que detém, sozinha, "a verdade" e as respostas para as questões da vida), já que os irmãos que nos deixaram para servir ao Senhor em outras igrejas passaram a ser ridicularizados e atacados até mesmo publicamente. Passei a ver nossos irmãos da Maranata caçoando de outras igrejas cristãs e de suas interpretações da Bíblia.

Quero ressaltar que Jesus, ao ser pressionado por João para que proibisse alguns homens que estavam expulsando demônios em seu nome os repreendeu dizendo:

“Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim, pois quem não é contra nós é por nós.”

Igualmente, Gamaliel saiu em defesa dos apóstolos com as seguintes palavras:

“Agora, vos digo: dai de mão a estes homens, deixai-os; porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá;”

Sábias palavras. Por que atacar nossos irmãos, por que denegrir suas reputações; por que acusar suas igrejas? Por que fazê-los inimigos dos crentes da Maranata?

Pastor G(...), estou profundamente comovido pela luta de nossos irmãos que estão se esforçando para se manterem de pé, apesar de terem saído da Maranata – há familiares meus, inclusive. Mesmo aqueles que cometeram faltas graves merecem perdão e uma oportunidade de prosseguirem servindo a Jesus, ainda que em outros lugares. Até quantas vezes devo perdoar meu irmão? Até sete vezes? Não, respondeu Jesus, até setenta vezes sete. Para isso temos que nos desprender do velho testamento, das execuções realizadas por Salomão e aprendermos um pouco com Jesus, que perdoou, inclusive a “podridão” de comportamento da mulher adúltera, do “detestável” Zaqueu, dos leprosos imundos etc. Também é bom lembrar que a mulher samaritana não foi impedida de ir à cidade anunciar a Jesus só porque era uma pessoa de vida promíscua antes de conhecer a Jesus. O mestre não recomendou que ela deixasse essa tarefa para outros com um passado mais limpo do que o dela. Isso é o que não fazemos em relação aos irmãos que, antes de conhecerem a Jesus, tiveram outra relação conjugal – esses não podem pregar o evangelho, de púlpito, ou seja, em público. Estranhamente, não estão impedidos de ir ao púlpito os ex-viciados em drogas, ou os ex-fornicadores, ou os ex-estelionatários etc.

Insuflar os irmãos da Maranata contra outros crentes, por pior que sejam, não é uma opção do amor de Cristo, pois isso pode transmitir um ar de superioridade de uma elite em relação a outro grupo de pecadores, estúpidos e indignos da graça de Deus. Vejamos o que Jesus, no evangelho de Lucas, cap. 18, falou do Fariseu que assim enxergou o publicano no templo:

“11 O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano;

12 jejua duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.

*13 O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: **Ó Deus, sê propício a mim, pecador!***

*14 Digo-vos que **este desceu justificado para sua casa, e não aquele**; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado. (o grifo não consta do original)*

Pastor G(...), estou angustiado por ver que nosso grupo desencoraja a associação com não-membros (exceto, talvez, se houver a possibilidade de convertê-los à Maranata, como vem acontecendo no leste europeu).

Também estou pensativo quanto às respostas que estou acostumado a receber, do tipo, "preto ou branco": aquilo que vem do Presbitério é certo (inquestionável), e aquilo que o Presbitério discorda é errado e ponto final.

Preciso me sentir seguro e isso implica servir ao Senhor exclusivamente pelo laço do amor, sem ameaças. Parece sutil, mas quando escutamos dizer: “para onde iremos nós?” ou, “esta obra é a última”, ou ainda, “fora daqui é inevitável o misticismo” etc. tudo isso é uma afirmação de exclusividade de salvação, ou seja, aqueles que desertarem serão atacados pelo inimigo, vão andar vagando pelo mundo sem direção, estão correndo para a morte eterna porque deixaram "a verdade".

Pastor G(...), tenho percebido (hoje vejo isso claramente) que muitas pessoas têm deixado a igreja em face da arrogância do Presbitério que trata as pessoas como se não tivessem sentimentos, que não precisam ser consultadas para nada e não merecem qualquer satisfação. Basta trazer a revelação e ai de quem ousar a questionar. Lembro bem de como sofri ao ver o Pastor O(...) ser colocado numa igreja de subúrbio e o modo como suportou humilhação pública em nosso Maanaim – eis uma pessoa que admiro e respeito: Pastor O(...).

Por fim, deixo claro que desde 1988, quando me converti, só tenho um inimigo – Satanás. Espero, sinceramente, não ganhar aqui em Brasília outros 6.000 inimigos (população de membros em Brasília) só porque decidi servir ao Senhor em outro lugar (de preferência com os mais necessitados e desprezados). Da minha parte, jamais desprezarei um irmão meu e quero que sejam muito felizes servindo ao Senhor na Maranata. Advirto, porém, que continuo avesso a qualquer manifestação pública que ofenda minha honra. A isso devo reagir com o fim de poder continuar criando minha família em respeito, dignidade e credibilidade.

Finalizo com sinceros agradecimentos a algumas pessoas que tenho em alto conceito:

- Pr. O(...);
- Pr. M(...);
- Pr. T(...);
- Ungido T(...);
- Diácono V(...) (Guará)

Esclareço que somente minha mulher e o ungido T(...) (único com quem podia conversar) conheceram previamente minha decisão. Ninguém mais. Também registro que a atividade de pensamento é uma das minhas atividades prediletas, de modo que minha decisão surge após muita meditação e oração. Sobre a minha experiência espiritual a respeito, sei que não adiantaria comentar, pois já conheço como tratam essa questão.

Eternamente grato por tudo o que aprendi na Maranata, despeço-me,

A paz do Senhor.

Em, 02 de maio de 2005.

Sólon Lopes Pereira.

Anotação:

Hoje, após 4 anos desta minha decisão posso olhar para trás, lembrando os momentos que antecederam a entrega da minha carta, e sentir as mesmas emoções daquele momento. Havia uma nuvem de incertezas ao meu redor. Será que eu estava tomando a decisão correta? Será que eu iria me arrepender? Será que aquilo que eu ouvia nos maanains sobre os que deixavam a Maranata era verdade? Será que minha família seria prejudicada? Será que eu suportaria o desprezo dos meus irmãos e das ovelhas que eu pastoreava e amava? Será que eu perderia o meu ministério, tal qual ouvia dizer na ICM? Será que eu iria me adaptar em outra igreja?

Essa nuvem me cercava e eu estava com meu coração pulsando mais forte que o normal. Afinal, além de tudo, eu teria que entregar minha carta a um pastor Coordenador que eu queria muito bem... haja coragem! Há momentos da nossa história que são marcantes. Esse foi um deles. Tive alguns momentos difíceis em minha vida e esse foi um deles.

Os momentos que se seguiram também não foram nada fáceis. O medo ainda me perseguia. Parei de andar de moto, trancava as portas internas de minha casa, andava assustado, temia os fatos da natureza, temia por minha filha Rebeca, que já nasceu com sentença de morte decretada pelos médicos, tinha medo de viajar etc.

Em meio a tanto assombro, adquiri os CD' do grupo Diante do Trono, passei a ter mais tempo para oração, leitura e meditação na palavra de Deus. Comecei, também, a observar a vida do Pr. Ademir, que havia dois anos estava fazendo seu trabalho na CEEN com muita dedicação e humildade, sempre sereno, alegre e disposto a ajudar as pessoas, independentemente da situação que se encontrassem e apesar de saber o quanto ele era ridicularizado por nossos irmãos da ICM. A segurança me sobreveio ao ver o quanto Deus estava abençoando a vida daquele homem, apesar das dificuldades que ele tinha para administrar tantas pessoas problemáticas como eu. Confesso que dei muito trabalho ao Pr. Ademir, pois via defeitos em tudo, queria que as coisas seguissem a mesma ordem e disciplina da ICM (impossível!) e achava que eu era quem sabia o que era certo – quanta ingenuidade!

Ao fim eu contabilizei muito aprendizado. Aprendi um pouco a respeito de discipulado tornando-me um discípulo. Aprendi um pouco sobre liderança sendo liderado. Aprendi a humildade convivendo com o humilde – “diga-me com quem andas e eu lhe direi quem és”. Aprendi que o exercício da liberdade exige de nós muito mais responsabilidade. Aprendi que eu tinha muito que aprender...

Não tenho mais qualquer dúvida. Meu desligamento foi uma das decisões mais difíceis da minha vida, mas era o que eu tinha que fazer. A nuvem de dúvidas se dissipou. Não há arrependimento, não há mágoa, não há mais o medo de outrora. Estou adaptado ao plano que Deus tinha para mim. Deus tem um plano para cada um de seus filhos e hoje sei que o plano de Deus para minha vida começava na ICM, mas não terminaria ali.

“ e disse: Na minha angústia, clamei ao SENHOR, e ele me respondeu; do ventre do abismo, gritei, e tu me ouviste a voz.” (Jonas 2:2)

Em, 9 de março de 2009.

Pastor Sólon